

# LGBT IN AM

Personagens deixaram de ser apenas um refúgio cômico e passaram a ter suas histórias como elos principais da novela.

Com o fim da novela *A Força do Querer* em 20 de outubro, tivemos o primeiro beijo trans-gay da TV brasileira. Isso apenas seis anos após o primeiro beijo gay em telenovelas nacionais, que foi ao ar em 12 de maio de 2011, com o casal Marcela e Marina (interpretada pelas atrizes Luciana Vendramini e Giselle Tigre respectivamente) na novela *Amor e Revolução*, do SBT. Os avanços nestes aspectos podem ser recentes, mas se engana quem acha que a comunidade LGBT chegou a TV recentemente. Ary Fontoura interpretou o primeiro personagem gay das novelas brasileiras, em *Assim na Terra Como No Céu*, produção de 1970 da TV Globo; Ele interpretou um costureiro e carnavalesco divertido, que era responsável pelo núcleo cômico da trama do autor Dias Gomes. Mas é aí que caímos no estigma

que era comum até o começo da década: personagem LGBT só serve para o núcleo de humor? Sua representatividade na mídia se resume a explorar seus estereótipos e rir de sua existência? A primeira tentativa de ter uma abordagem mais dramática e próxima da realidade ocorreu em 1995, na novela *A Próxima Vítima*, de Silvio de Abreu. Os atores André Gonçalves e Lui Mendes deram vida ao casal Sandrinho e Jefferson, que sempre eram vistos juntos no decorrer da obra. Uma cena marcante foi quando Sandrinho (André Gonçalves) revela à sua mãe, Ana (Susana Vieira) sua orientação sexual. A cena em si foi considerada emblemática na discussão sobre a homossexualidade no Brasil. A reação das ruas, porém, não foi das melhores e chegou a extremos: os atores foram vítimas de um

grupo de homofóbicos e chegaram a ser violentamente agredidos. Silvio de Abreu tentou novamente, em 1998, em *Torre de Babel*. Apresentou aos telespectadores o casal de lésbicas Rafaela e Leila (Christiane Torloni e Sílvia Pfeifer). Porém, o casal foi tão rejeitado, que ambas faleceram no começo da história, em uma explosão de shopping. Já podemos observar que até então, quando o personagem existe sozinho, isso quer dizer, não possui um companheiro ou núcleo amoroso ou é inserido em núcleos cômicos, ele com certeza será bem aceito ou no mínimo, passará batido por quem assiste. Caso seja demonstrado que existia alguma relação de afeto ou drama pessoa, a rejeição vêm com força. Esse tipo de reação da audiência mudou (e muito) no começo após os anos 2000. Na

# VÍDIA

década de 1970, apenas 25% dos personagens LGBT tiveram um final feliz, segundo dados provenientes do site Teledramaturgia.com.br. Essa porcentagem subiu para 73% a partir de 2010. A mudança reflete uma mudança da sociedade, que amadureceu ao decorrer das décadas em relação ao assunto. Os sinais de mudança começaram a surgir em 2003, na novela de Manoel Carlos: *Mulheres Apaixonadas*. O casal lésbico adolescente Clara e Ana Paula (Aline Moraes e Paula Picarelli) enfrentaram o preconceito e o bullying diante das colegas de classe, e tiveram suas narrativas contadas de uma forma singela, focando na luta do casal para permanecer juntas. O desfecho foi um selinho de leve, dada em uma apresentação teatral no colégio que estudavam. Em 2005, Glória Perez trouxe o casal de maior notoriedade até então: Júnior e Zeca (Bruno Gagliasso e Eron Cordeiro) na novela *América*. O casal dividiu opiniões país à fora. O beijo do casal chegou a ser gravado para ir ao ar no último capítulo, mas a cena foi cortada às pressas no dia de exibição.

A emissora temeu possíveis boicotes promovidos por grupos religiosos. O jornalista do UOL e fundador do portal Teledramaturgia.com.br, Nilson Xavier, achou prudente a escolha de não exibir o tão esperado beijo gay em 2005: “Acho que a discussão sobre temas considerados tabu avança na sociedade e precisamos respeitar esse tempo de amadurecimento. Talvez, lá em 2005, não fosse o tempo certo para mostrar o que se pretendia. Poderia, naquele momento, representar algum retrocesso na discussão sobre a homossexualidade. Talvez a decisão de não exibir o beijo tenha sido mais prudente”. A partir de então, os personagens LGBTs foram crescendo na dramaturgia nacional. Aos poucos, ganhando espaço e tendo suas lutas melhor exploradas, promovendo assim um debate importante e necessário entre a população. Um desfecho que chocou e comoveu a população em geral foi a de Gilvan (Miguel Roncato), de *Insensato Coração*, de 2011: o personagem apanhou até morrer pelo homofônico Vinícius (Thiago Martins).

Tantos avanços vieram na última década, que, alguns retrocessos vieram juntos. O personagem de Marcelo Serrado na novela de Aguinaldo Silva, *Fina Estampa* (2011) caiu na graça do grande público por ser tudo aquilo que se espera de um personagem gay em novela: cheio de exageros e com a única função de divertir.

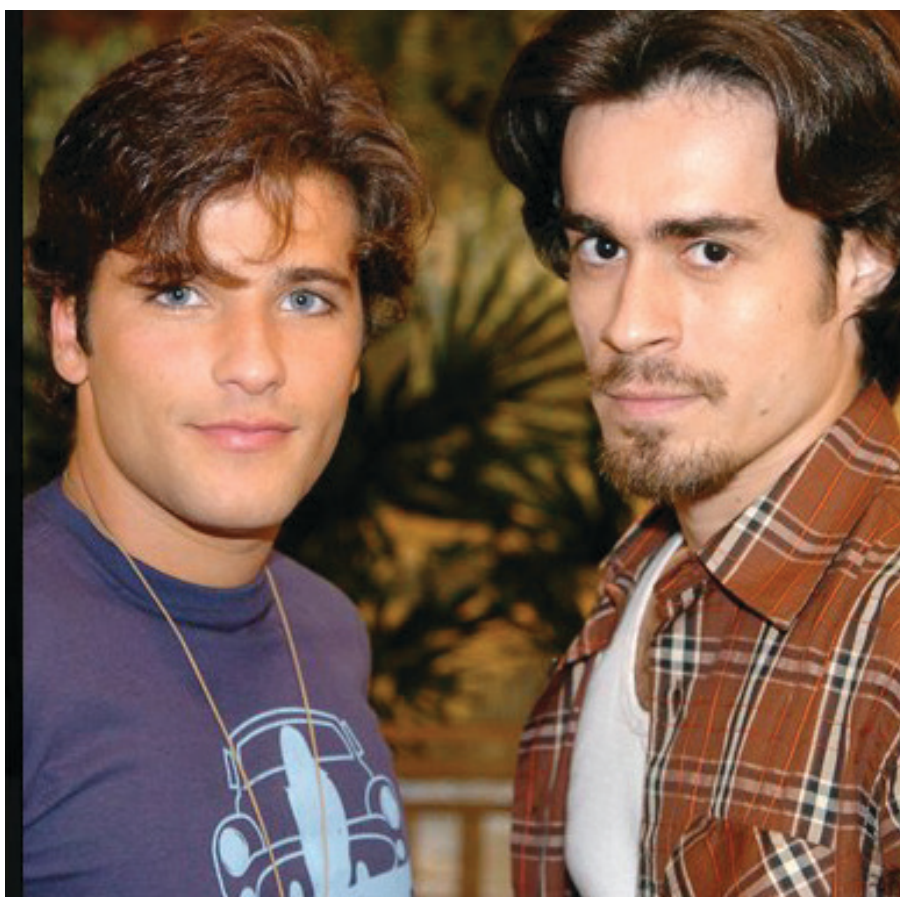
#### TIPOS DE FINAL:

**64,6% FELIZ**

**15,8% NEUTRO**

**19,6% INFELIZ**

O assistente da personagem Tereza Cristina (Christiane Torloni) ganhou até filme, que chegou às salas de cinema em 2013, mas foi rejeitado pela comunidade LGBT justamente por fazer que todos os avanços conquistados até então fossem esquecidos e substituídos por cenas engraçadas. “Esse tipo de personagem, como alívio cômico, estereotipado, não cabe, não serve para a discussão. Foi rejeitado depois de tantos avanços. Mas funciona às vezes, apenas como alívio cômico. Foi assim com o Téo Pereira de Império. ”, afirma Nilson Xavier.



7 novelas apresentaram beijo gay (8 se contarmos o selinho de Mulheres Apaixonadas), sendo Babilônia (2015) a única a apresentar dois beijos.

Os avanços continuaram e o ano de 2012 foi marcado pelo primeiro beijo gay da TV brasileira, na novela Amor e Revolução, do SBT. O beijo chegou às telas exatamente 7 dias após a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) de reconhecer a união estável homoafetiva

e foi a porta aberta para uma verdadeira mudança na forma que as histórias LGBT são contadas. Apenas um ano depois, em 2013, chegou às telas o personagem mais emblemático deste tema. Félix de Matheus Solano iniciou como vilão, teve a sua fase caricata, e conquistou

não apenas o perdão dos personagens da trama Amor à Vida, como o do público. Pela primeira vez, os telespectadores torceram para que um casal gay chegasse juntos ao final de uma novela. Não só isso, mas acompanhou e aguardou com expectativa o beijo no último capítulo da novela. Foi nítido a influência positiva de Niko (Thiago Frago) na vida de Félix, e aos poucos, os dramas do casal envolveram a audiência de um modo que foi impossível torcer contra. A história do LGBT no produto televisivo mais assistido da América Latina evoluiu. Buscou seu espaço, seja naquelas pontinhas rápidas, naquele personagem que não agregava muito para os enredos e chegou ao seu ápice em 2017, ao contar a história da transexual Ivana em A Força do Querer. De 1970 para 2017 foram 87 novelas com personagens LGBT. Foram 176 personas apresentadas. Houveram deslizes, houveram personagens cortados, houveram histórias mudadas para se readequar ao que o público queria ou não ver em pleno horário nobre. Mas também foram muitas lutas que chegaram ao final com um saldo positivo. Esse tipo de movimento é importante para todos. A representatividade é sim importante. Não é impor um estilo de vida, é mostrar o que existe e precisa ser demonstrado. É nada mais do que a liberdade de cada um.